

## Palavra e Sacramento

Martin N. Dreher

Nos últimos anos tem-se ouvido sempre mais o lamento acerca da perda dos sacramentos na Igreja Luterana. As causas para tanto são múltiplas. Encontro as raízes, para o fato citado, no Iluminismo e no Racionalismo que nos últimos séculos vem esvaziando os sinais e símbolos, mas também nos movimentos transconfessionais, especialmente no movimento carismático que acentuando o batismo com o Espírito Santo, vem negligenciando os testemunhos da Escritura a respeito dos sacramentos. Paralelamente vimos sentido, também nos últimos séculos, a perda crescente da perspectiva da doutrina da predestinação, central à teologia de Paulo, de Agostinho, Lutero e Calvino. No campo do Racionalismo e no dos movimentos carismáticos a doutrina da predestinação foi substituída por um pragmatismo de salvação. No campo carismático-evangelical este pragmatismo salvacionista recebe o nome de conversão. Aqui, antes de Deus poder agir pela salvação do homem, o homem age por sua salvação. Aqui, torna-se impossível uma doutrina consequente da justificação. Por isso, os sacramentos que só têm razão de ser dentro de uma doutrina consequente da justificação, são esvaziados, não tendo mais lugar, ou, se muito, um lugar marginal na vida da Igreja. Chegamos, em nossos dias, novamente à situação evidente da luta de Lutero com Erasmo de Roterdão e com Látomo (1); trata-se da luta pelo centro, por aquilo que faz da Igreja Igreja; trata-se da luta em torno do artigo com o qual a Igreja permanece de pé ou cai: a justificação como ação única e exclusiva de Deus. É em torno deste artigo que se estabelece a compreensão eclesiológica da Igreja Luterana que se expressa no binômio palavra e sacramento.

Falar em palavra e sacramento é, pois, ocupar-se com a eclesiologia da Igreja Luterana. No Artigo VII da Confissão de Augsburgo, lemos entre outras coisas:

---

(1) De Senio Arbitrio (WA 18,551ss); Rationis Latomianae confutatio (WA. 843ss).

"A Igreja é a congregação dos santos, na qual o evangelho é ensinado de maneira pura e os sacramentos retamente administrados"(2).

Ocupemo-nos uma vez com a eclesiologia luterana e perguntemo-nos do porquê deste binômio constante na Igreja Luterana.

## I. IGREJA É COMUNHÃO DOS SANTOS

Quando lemos o artigo VIII da Confissão de Augsburg, deparamo-nos com a formulação:

"A Igreja é, propriamente, a congregação dos santos e dos verdadeiramente crentes"(3).

Esta formulação volta-se especificamente contra aquela outra concepção eclesiológica que vê a Igreja essencialmente na estrutura hierárquica e na instituição sacral. É uma manifestação contra a Igreja Católica Apostólica Romana que, entre suas formulações antigas mais pregnantes a respeito do que seja igreja, pôde afirmar: "Petrus ecclesiam significat" (Pedro significa igreja) ou "Ubi cumque est Papa, ibi est Ecclesia Romana et Sedes Apostolica et caput ecclesiae" (onde sempre estiver o Papa, ali está a Igreja Romana e a Sé Apostólica e a cabeça da Igreja)(4). Aqui, nesta formulação, o Papa é a Igreja e a Igreja é o Papa. No século XV o Cardeal Juan de Torquemada definiu, em sua "Summa de Ecclesia et eius auctoritate", que o Papa é, como sucessor de Cristo, o único ao qual foi confiada a autoridade na Igreja. É ele quem a concede aos bispos, bem como aos concílios. Os concílios e seus decretos, finalmente, recebem sua autoridade e a confirmação de suas resoluções somente através do Papa (5). O Papa tem sua autoridade do próprio Cristo. Como a autoridade de Cristo é universal, assim também a autoridade papal é universal. A unidade da Igreja reside no Papa. E, pelo fato de o Papa ter sua autoridade de Cristo, ele também é infalível (6).

---

( 2 ) Die Bekenntnisschriften der evangelisch-lutherischen Kirche, 6ª edição, (Göttingen 1967), pág. 61.

( 3 ) idem, pág. 62.

( 4 ) Citado em Hubert Jedin, Ekklesiologie um Luther, em: Fuldaer Hefte. Schriften des theologischen Konvents Augsburgischen Bekenntnisses, Heft 18, (Berlin und Hamburg 1968), pág. 11.

( 5 ) Hubert Jedin, idem, pág. 11.

( 6 ) Reinhold Seeberg, Lehrbuch der Dogmengeschichte, Band 3: Die Dogmenbildung des Mittelalters, (Darmstadt 1974), pág. 599s.

É contra esta concepção que se desenvolve, no campo luterano, a opinião de que os pastores e servidores eclesiásticos pertencem à Igreja, mas não são nem constituem Igreja. Igreja é a congregação dos santos (7). Esta concepção da Igreja como comunhão (congregação) dos santos está diretamente relacionada com a doutrina da justificação, segundo a qual a primeira consequência da ação salvadora de Deus é a fé. Compreendendo-se Igreja a partir da ação de Deus em Cristo, da ação justificadora de Deus em Cristo, a igreja só pode ser compreendida como *congregatio sanctorum* (congregação dos santos) ou *congregatio fidelium* (congregação dos fiéis) (8). Diz Lutero: Igreja é "um amontoado ou reunião de tais pessoas que são cristãs e santas" (9).

Quando acentuamos que, para a Igreja Luterana, a Igreja é comunhão dos santos, comunhão dos verdadeiramente crentes, não estamos dizendo que esta comunhão dos santos é o principal, o que mantém Igreja, o que determina Igreja. Temos que nos ocupar aqui de um segundo ponto da eclesiologia luterana para evidenciar este fato.

## II. IGREJA É A COMUNIDADE REUNIDA PELO EVANGELHO

Quando os reformadores, voltando-se contra a concepção de Igreja como estrutura hierárquica e instituição sacral, acentuaram o caráter da Igreja como comunhão dos santos, como comunhão dos crentes, não quiseram inaugurar uma concepção congregacionalista de Igreja, onde a Igreja é constituída pela união dos crentes e onde a Igreja é, praticamente, carregada pela fé dos crentes. Para Lutero e seus colaboradores, a Igreja é uma criatura do evangelho, da palavra de Deus. Qualquer forma de congregacionalismo, no sentido acima exposto, é expressão de um individualismo religioso e está em franca oposição ao que é fé. Fé não é algo existente em mim e que eu possa provocar em mim, mas é algo que vem de fora, que é provocado em mim pelo evangelho e que me é trazido pelo evangelho (10).

É importante que reconheçamos que a Igreja existe como comunhão dos santos; mais importante, porém, ainda é que reco-

---

(7) Paul Althaus, *Die Theologie Martin Luthers*, (Gütersloh 1963), 2ª edição, pág. 254ss.

(8) Ernst Kinder, *Der evangelische Glaube und die Kirche*. Grundzüge des evangelisch-lutherischen Kirchenverständnisses, (Berlin 1958), pág. 80.

(9) WA 50, 642,15.

(10) Cf. Ernst Kinder, *op. cit.*, pág. 82.

nheçamos que esta comunhão dos santos surge como Igreja, é Igreja, graças ao Evangelho. É o Evangelho quem determina e quem carrega a igreja. **Igreja não é uma comunidade que se reúne, mas uma comunidade que é reunida (pelo evangelho)**. Lutero expressa esta convicção nos Artigos de Esmalcalda, quando diz: "Graças a Deus, uma criança de sete anos sabe, hoje, o que é a Igreja, qual seja: os santos crentes e 'as ovelhinhas que ouvem a voz de seu pastor' (Jo 10,3); pois as crianças oram da seguinte maneira: 'Creio na santa Igreja cristã'. Esta santidade não consiste em vestes corais, insígnias, vestes talares e em outras cerimônias deles, por eles inventadas, passando por cima das Escrituras Sagradas, mas da Palavra de Deus e da fé verdadeira"(11). A partir destas palavras também podemos avaliar o significado da oração relativa de CA VII: "... na qual o evangelho...". É a voz do "pastor" que faz da Igreja, Igreja.

Cristo, a palavra de Deus, é quem forma Igreja; essa é a tese decidida de Lutero em seu escrito "Dos Concílios e da Igreja" (1539): "Mas *Ecclesia* é o povo santo e cristão, não só na época dos apóstolos... mas até o fim do mundo para que sempre haja na terra um povo santo cristão, no qual Cristo vive, age e governa **per redemptionem**, através da graça e do perdão dos pecados. E o Espírito Santo **per vivificationem & sanctificationem**, através do varrer diário dos pecados e da renovação da vida, para que não permaneçamos em pecados, mas para que possamos ter uma nova vida em toda a sorte de boas obras, e não nas velhas, más obras como os dez mandamentos ou as duas tábuas de Moisés o exigem" (12).

Sirvam os traços, apresentados até aqui, para delimitar a concepção eclesiológica evangélico-luterana contra uma concepção congregacionalista de Igreja. Mesmo se, na concepção luterana, Igreja é vista como uma espécie de comunhão de fé, comunhão de crentes, mesmo assim ela não é uma espécie de contrato social, uma comunidade surgida com base em um contrato social. Por isso a Igreja Luterana não procura estabelecer a ortodoxia de sua Igreja e as suas normas a partir daquilo que Igreja é em seus membros, mas naquilo que a torna Igreja, i.é, no evangelho que cria Igreja e nos meios através dos quais este evangelho se quer comunicar. Os sinais da Igreja (*notae ecclesiae*) residem justamente aí, no evangelho que cria Igreja e nos meios através dos quais ele se comunica aos crentes. Esta concepção de Igreja está ancorada na doutrina da justificação. Ali a certeza da justificação se encontra naquele que

---

(11) *Die Bekenntnisschriften ...* pág. 459s.

(12) WA 50, 625, 21ss.

provoca justificação (no evangelho de Cristo) e não no que foi provocado (a fé dos membros)(13).

Depois de termos observado estes dois pontos da eclesiologia luterana podemos chegar ao tema no qual queremos centrar nossas atenções: Palavra e sacramento.

### III. PALAVRA E SACRAMENTO

Dentro do esquema eclesiológico luterano, a palavra e os sacramentos são os meios através dos quais o evangelho do cabeça da igreja age, juntando e construindo o seu corpo, a Igreja. Para compreendermos mais facilmente esta colocação, é bom observarmos a seqüência dos artigos da Confissão de Augsburg, documento que, ao lado das Sagradas Escrituras, dos Símbolos da igreja antiga, do Catecismo Menor e do guia Nossa fé – nossa vida, é escrito confessional da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Este documento, a Confissão de Augsburg, segue, a meu ver, o esquema básico da confissão cristã trinitária, falando de Deus, do Filho e do Espírito Santo, da história, do plano de salvação divino.

A seqüência que nós encontramos, hoje, na Confissão de Augsburg: Deus – Origem do Pecado – Filho – Justificação – transmissão da justificação (O título do artigo é: Do ministério eclesiástico) – nova obediência – Igreja, etc... mostra claramente a intenção dos reformadores que, em parte, já vimos anteriormente. Eles não conseguem falar de Deus sem falar do homem e de sua perdição (De Deo – de peccato originis), não conseguem falar de Cristo sem falar da redenção ou da justificação (de filio Dei – de iustificatione), não conseguem falar da apropriação da justificação sem falar da nova obediência (De ministerio ecclesiastico – de nova obocdentia) e, somente depois disso é que vão falar da Igreja, pois tudo o que veio anteriormente é condição para que possa surgir Igreja. A partir dessa seqüência compreendemos também que, **para a Reforma, aquilo que cria Igreja é também aquilo que cria salvação.** A seqüência da Confissão de Augsburg nos mostra que a ação salvadora e redentora de Deus em Cristo não se apresenta ao homem de maneira nua, internamente, mas através de meios externos previstos por Deus: a pregação pura do Evangelho e a administração reta dos sacramentos. Observemos uma vez a formulação de Confissão de Augsburg V e dos Artigos de Esmalcalda C,IV. Diz a Confissão de Augsburg V:

---

(13) Cf. Confissão de Augsburg IV e V.

“Para que obtenhamos esta fé, foi instituído o ministério que ensina o Evangelho e oferece os sacramentos. Pois a palavra e os sacramentos são os meios pelos quais é dado o Espírito Santo. Ele provoca a fé, onde e quando for do agrado de Deus, naqueles que ouvem o evangelho: que Deus justifica, não por causa de nossos méritos, mas por causa de Cristo, àqueles que crêem que foram aceitos na graça por causa de Cristo. Gálatas 3: Para que recebamos a promessa do Espírito por meio da fé.

Condenam os anabatistas e outros (adeptos) da opinião de que os homens recebam o Espírito Santo sem a palavra externa, através de suas próprias preparações e obras”(14).

Os artigos de Esmalcalda vão afirmar, semelhantemente, que o evangelho

“... não dá apenas de uma maneira conselho e auxílio contra o pecado; pois Deus é rico em sua graça: primeiro através da palavra verbal, na qual é pregado o perdão do pecado em todo o mundo, e este é o ministério próprio do evangelho, em segundo lugar através do batismo, em terceiro através do santo sacramento do altar, em quarto através do poder das chaves e também *per mutuum colloquium et consolationem fratrum*”(15).

O Evangelho é, nesta formulação o conceito genérico que abrange a pregação e os atos sacramentais. Há, pois, diversas maneiras pelas quais o evangelho se dirige às pessoas para provocar salvação. Fundamental é que estas maneiras foram prescritas por Deus! Lutero não procura sistematizar estas diversas maneiras. Ele aponta simplesmente para a riqueza manifestada por Deus (“pois Deus é rico em sua graça”).

Vemos, pois, que tanto na formulação da Confissão de Augsburgo quanto na dos Artigos de Esmalcalda há uma forte acentuação do fato de que Deus não oferece participação na salvação, conseguida por Cristo, a não ser por meio destes meios exteriores por ele estabelecidos. Aqui se nega veementemente a possibilidade de que eu possa conseguir minha salvação, ou apropriar-me da salvação através de minha “espiritualidade”. Lutero

---

(14) *Die Bekenntnisschriften...* pág. 58.

(15) *idem*, pág. 449.

diz a este respeito nos Artigos de Esmalcalda, ao voltar-se contra os entusiastas:

**“Por isso temos e devemos permanecer firmes nisto, que Deus não quer agir com nós homens a não ser através de sua palavra externa e sacramento. Tudo, porém, quanto é louvado, sem tal palavra e sacramento, como sendo do Espírito, isso é do diabo.”(16).**

O que forma igreja não é espiritualidade, não é a determinação de uma pessoa. Deus criou instrumentos para através deles formar Igreja, para através deles deixar que a voz do “bom pastor” reúna a comunidade e a governe.

Quem me seguiu até aqui, talvez pense que a pregação e a administração dos sacramentos sejam **tudo** o que tenha que ocorrer em uma Igreja quem tem suas origens na Reforma. Se causei esta impressão, todo o sentido desta exposição está deturpado. Quantitativamente palavra e sacramento não são **tudo** o que deva ocorrer dentro da Igreja; eu diria que palavra e sacramento são os pontos de cristalização do todo chamado Igreja. E, pelo fato de palavra e sacramento serem tais pontos de cristalização, por isso a comunidade deve dar a eles uma atenção toda especial. Deus não quer comunicar-nos sua salvação a não ser através destes meios, por isso, por causa desta vontade de Deus, eles são tão centrais para nós. Deixá-los de lado significa desobediência em relação a Deus. Se existe alguma coisa institucionalizada por Deus na Igreja Luterana, essa coisa são os meios através dos quais a graça nos é transmitida! Aqui está toda a nossa instituição! Toda a nossa estrutura.

Se eu disse acima que a pregação e a administração dos sacramentos não são **tudo** o que deva ocorrer na Igreja, mas que são pontos de cristalização do todo chamado Igreja, devo ainda fazer, pelo menos alguma menção, do que mais deve ocorrer na igreja. Num trecho já citado dos Artigos de Esmalcalda, Lutero fala de que Deus comunica seu evangelho através da palavra pregada, do batismo, da santa ceia, através do ofício das chaves e também “*per mutuam colloquium et consolationem fratrum*”. Aqui o ofício das chaves e o “mútuo colóquio e consolo dos irmãos” nada mais é do que o desdobramento do evangelho que vem em pregação e sacramentos. Este desdobramento do evangelho, – Lutero certamente poderia ter apresentado outras formas deste desdobramento, – é para mim, particularmente, conseqüência clara da compreensão luterana de

---

(16) idem, pág. 455s. Cf. quanto ao todo, idem pág. 453-456.

palavra. Constatei que, durante a sua preleção de Gênesis, Lutero descobriu que o verbo hebraico “**dabar**” é fundamentalmente diferente do verbo “**amar**”. Constata ele que enquanto “**amar**” representa apenas a vocalização de um assunto, “**dabar**” representa a vocalização e a concretização do tema em questão. Diz ele: “Deve-se notar, diligentemente, a diferença que, entre os hebreus, há entre **Amar** e **Dabar**. Nós reproduzimos os dois com o termo ‘dizer’ ou ‘falar’, mas entre os hebreus há esta diferença: **Amar** significa, propriamente, a palavra emitida (*verbum prolatum*); Mas, **Dabar** também significa a coisa (em si), assim quando os profetas dizem: Esta é a palavra do Senhor, usam o conceito **Dabar** e não **Amar**”(17). Lutero compreendeu que a palavra de Deus, seu evangelho, não é apenas algo dito da boca para fora, mas também algo que se concretiza, que toma forma. Quando Deus fala, surge o mundo; quando Deus fala, todos tremem, porque realmente algo acontece. Assim também se dá na vida do cristão: o evangelho que ele anuncia se concretiza, porque senão não é evangelho. O cristão que anuncia evangelho, concretiza evangelho no colóquio e no consolo mútuo dos irmãos.

Deixem-me chegar ao final desta exposição. Certamente muitos esperam, do título desta exposição, um relato pormenorizado da doutrina luterana dos sacramentos. Isso não aconteceu aqui. Minha intenção não foi a de falar sobre o conceito palavra e também não foi a de falar sobre o conceito sacramento. Não quis apresentar um ensaio sobre estes conceitos. Eu quis falar sobre aquilo que une os dois, a letra “e”. Pois a Igreja Luterana não é apenas Igreja da palavra, ela é Igreja de palavra e sacramento. Palavra e sacramentos são os meios escolhidos por Deus(!) para nos transmitir seu evangelho da justificação do pecador.

Depois do que vimos concluo com uma pergunta: Se temos apenas palavra e sacramento, por que vamos reduzir tudo à palavra, palavra muitas vezes malentendida como sendo apenas ‘amar’? Creio que vivemos sob uma “ditadura” da palavra e sob uma pobreza de sacramentos. Nossa pobreza vem do fato de deixarmos os sacramentos de lado e de, com isso, abreviarmos ou eliminarmos um dos meios que o evangelho tem para vir a nós e para construir Igreja. Deixando os sacramentos de lado, estamos fazendo com que muitas pessoas percam a possibilidade de uma compreensão realmente profunda do evangelho.

Quando o membro de comunidade pergunta: Como posso crer? Como posso deixar de olhar para mim e olhar para Cristo, o

---

(17) WA 42, 13,19ss.

Cristo **pro me**? Como me torno crente? (Nós hoje não podemos mais olhar para o Cristo **pro nobis** como nos dias do Jesus terreno, abandonando bens e seguindo com Jesus através da Palestina.) Este Cristo **pro nobis** só pode ser apresentado ao membro que pergunta, só pode se tornar evidente para ele e para nós, através da pregação e através dos sacramentos que falam de seus discursos, ações, sofrimentos e glória; discursos, ações, sofrimentos e glória do próprio Deus. Pregação e sacramento têm que ter sempre seu resumo nas palavras: "dado e derramado em favor de vós". Onde isto faltar, não há Igreja.